

# Editorial

## Infâncias em nós

No ano de 2004, um grupo de professores, coordenado pela professora Célia Linhares, vislumbrou um desdobramento possível para o trabalho que vinham desenvolvendo no ALEPH, um programa de amplitude e ambições em que não prevalecem e nem se limitam pelo quantitativo de verbas, nem por palanques acadêmicos. O que move o Programa são desejos, são sonhos alimentados por professores formados e em formação, porque este é um processo permanente e contínuo. Desejamos, sonhamos com uma escola em que ensinar e aprender, de forma indissociada, possa se constituir como um movimento em que o devir ultrapasse a imagem de futuro e se faça presente, cotidianamente. Aprender – ensinar \_ aprender em uma escola que se faz e refaz; uma escola em que se criam e recriam experiências que desconstróem estruturas arcaicas e engessadoras das possibilidades de crescimento humano, de cidadania compartilhada, de sintonia com o belo – isto nos move.

Com esta concepção sempre em ação, estamos chegando à fase final de 2011. São sete anos de publicação da RevistAleph e dezesseis números no ar. Nesta edição em que a temática é “Infâncias”, temos o prazer de presentear àqueles que nos visitam, na rede, um conjunto de textos, resultantes de múltiplas experiências docentes. São textos que nos convidam a repensar a escola e nossas práticas educativas trazendo de volta as asas translúcidas da criança que voa por muitos e diferentes universos, criança que sofre e ri e com seus contornos e voltas para aprender, nos incita à busca.

Nas seções deste número estão disponíveis alguns preciosos trabalhos, fruto de atuação direta na escola, estudos que mergulham em uma realidade que sempre oferece caminhos a serem construídos, um campo em construção permanente. Os textos agora publicados resultam desta crença de que é possível, em diferentes níveis de ensino, experimentar outros caminhos educativos nos quais os sujeitos que ensinam e aprendem constroem elos de uma autonomia que requer um trabalho permanente.

São quatro seções, em que as “Infâncias” e o magistério suscitam idéias, perguntas, questões, enfim. Percorremos caminhos que começam quando somos apresentados à pergunta: “Seria o magistério um ofício infantil?”. Referimo-nos ao título do texto de Célia Linhares, que constrói uma rica conexão entre permanecer criança e ser professor. Com o recurso à expressão de Norman Manea (“todo

artista morre, quando deixa de ser criança”), a autora compõe uma teia de símbolos, pavimenta uma estrada com o pensamento de autores como Maturana, Guattari, Benjamin e aporta em Portinari. Por meio de imagens emblemáticas sobre a infância, a autora ultrapassa o significado da negação e da ausência, quando busca a raiz latina do verbete, e reinscreve o magistério na plataforma dos ofícios para o qual as memórias infantis, as educacionais e escolares são imprescindíveis.

Para nós, o magistério é “a arte de fazer caminhos” e alguns deles estão aqui pavimentados. Caminhos sob a forma de literatura, de arte, de estética, de filosofia em que a autoformação, princípio freireano, se demonstra a cada passo. As experiências vividas registram os sinais de que a criança se revela por signos e símbolos, na imersão em um processo de produção de textos falados reações, diálogos, observações.

No cerne de todos os trabalhos aqui publicados está sempre a figura do professor, seja quando a experiência envolve jogos como instrumento para desenvolvimento de uma educação que ultrapassa a proposta linear de aprendizagem de conteúdos como um único caminho, seja quando a motivação se demonstra a chave para transformação das experiências na escola, seja ainda quando histórias ou jogos possibilitam que se construa a cidadania ativa. Na verdade, é também de cidadania que se fala quando o cinema e “os meninos da rua Paulo” nos leva à infância é à discussão sobre a liberdade. É também de sujeitos plenos que se fala quando a análise demonstra que a sexualidade na infância é o campo do interdito. É de democracia que se trata.

Acreditamos que nesta edição os leitores encontrarão contribuições importantes que reafirmam a potencialidade da escola e da educação, instituição que em seus diferentes níveis de formação constrói e se reconstrói em “um movimento entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. É a escola entendida para além da lógica das impossibilidades. É a escola onde emergem ricas possibilidades de conexão entre seres aprendentes. É a micro política, se nos inspiramos em Foucault, que se apresenta no processo participativo de avaliação de um curso superior, mas é também a macro política, quando a história e as políticas públicas para a educação infantil são analisadas.

Os debates estão postos. Porque o exercício de se constituir como sujeito implica em mergulhar na perspectiva de atuação por meio do diálogo e da crítica, ultrapassando a reprodução pura e simples de uma sociedade historicamente construída a partir da diferença.

Resta-nos convidá-los ao próximo número da revista, como autores e como leitores. Sejam muito bem-vindos.

Comissão Editorial